

## **PRÁTICAS CULTURAIS: AS TIPOGRAFIAS, OS JORNAIS E AS LIVRARIAS DE UBERLÂNDIA (1897–1950)**

*Regma Maria dos Santos<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Pretendemos neste artigo expor algumas informações e reflexões sobre pesquisa em andamento que objetiva localizar, mapear e compreender a criação de tipografias e jornais impressos na cidade de Uberabinha, posteriormente Uberlândia, no período de 1897 a 1950. Interessa-nos particularmente saber se a imprensa escrita, desde seus primórdios em final do século passado, conseguiu, apesar das exigências conjunturais de ordem política, econômica, social e cultural, redefinir seu papel e cumprir a função de formar e informar cidadãos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornais. Tipografias. Cultura. Sociabilidades

**ABSTRACT:** This article intends to expose some information and reflections from an in-progress research which aims to locate, map and understand the creation of typesetting houses and newspapers printed in the city of Uberabinha, later Uberlândia, from 1897 to 1950. Its main interest is to know if the press, since its beginning at the end of the nineteenth century, managed to redefine its role and to fulfill the function of educating and informing citizens on the face of political, economic, social and cultural demands.

**KEYWORDS:** Newspapers. Typesetting houses. Culture. Sociabilities.

*Os livros são objetos transcendententes.  
Mas podemos amá-los do amor táctil*

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de História da UFG/Campus Catalão e colaboradora do Mestrado em Teoria Literária UFU. E-mail: [regma.santos@gmail.com](mailto:regma.santos@gmail.com)

*Que votamos aos magos e ciganos  
Domá-los, cultivá-los em aquários.  
Em estantes, gaiolas em fogueiras.<sup>2</sup>*

Uma questão central na discussão sobre a cultura são os meios de difundi-la, dentre os quais está a leitura: prática cultural que — conforme Roger Chartier<sup>3</sup> — constitui um terreno em que se “[...] encontram [...] colocados, como num microcosmo, os problemas passíveis de serem reencontrados em outros campos e com outras práticas”. No universo da leitura, a difusão da cultura se apóia nas formas de materialização e circulação dos textos, a exemplo da imprensa, das tipografias e dos jornais, os quais se constituíram como parte da cultura impressa, que atravessa os séculos e se consolida na sociedade contemporânea.

Na difusão de textos — e da leitura —, as tipografias se destacam, pois viabilizaram a impressão de livros e jornais. No Brasil, seus benefícios, talvez, tenham chegado mais tarde do que em qualquer outro lugar do mundo.<sup>4</sup> Podemos dizer que não se publicaram livros nos país ao longo dos séculos coloniais; os jornais só apareceram em 1808, quando a *Gazeta do Rio de Janeiro* é publicada. Os livros vindos de Portugal se destinavam ao ensino religioso e eram submetidos à censura; as bibliotecas eram raras; e os jesuítas da Bahia possuíam a única coleção apreciável de livros. Eis por que Massaud Moisés conclui que:

[...] eram precários os meios de comunicação ao longo dos séculos coloniais, e quando existentes, enfeixavam-se nas mãos de ordens religiosas e circunscreviam-se às obras que lhes serviam para o proselitismo e catequese dos indígenas. Numa palavra: o

---

<sup>2</sup> VELOSO, Caetano. *Livros. CD Livro*, Polygram, 1997.

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural: debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: \_\_\_\_\_. et al. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 231.

<sup>4</sup> Conforme aponta Carlos Rizzini, na obra *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*, citada por: MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. Origens, barroco, arcadismo. São Paulo: Cultrix, 1990, p. 75.

obscurantismo, de resto espelhando a situação vigente na Metrópole, alastrava-se por toda a colônia.<sup>5</sup>

Ao estudar a formação do leitor brasileiro no período colonial, José Horta Nunes confirma as informações de Moisés e esclarece que textos de feição mais científica ou laica que circulavam na Europa não existiam por aqui. Observa esse autor:

Os missionários fazem circular livros religiosos, bem como outras obras úteis à catequese, como dicionários, catecismos e os próprios relatos. Eles realizam um trabalho de leitura que vai desde a produção de interpretações até os gestos de cópia e tradução. Essas atividades constituem-se num modo de trabalhar a relação dos índios com a escrita, com a tradição da leitura européia.<sup>6</sup>

Para Nelson Werneck Sodré, o atraso da imprensa no Brasil resulta da ausência de capitalismo e da burguesia; segundo ele, só nos países onde o capitalismo se desenvolveu   que a imprensa foi criada e se expandiu. Quanto   existência do jornal *Correio Brasiliense*, Sodré considera que sua influência foi relativa, por isso não se pode enquadr -lo no conjunto da imprensa brasileira.<sup>7</sup> No entanto, para mostrar a diferença entre a coloniza o espanhola e a portuguesa no tocante ao desenvolvimento da imprensa, ele afirma que:

[...] onde o invasor encontrou uma cultura avançada, teve de implantar instrumentos de sua própria cultura, para a duradoura tarefa, tornada permanente em seguida, de substituir por ela a cultura encontrada. Essa necessidade não ocorreu no Brasil, que não conheceu, por isso, nem a Universidade nem a imprensa no período colonial. [...] O aparecimento precoce da Universidade e da imprensa, assim, esteve longe de caracterizar uma posi o de tolerância. Foi, ao

---

<sup>5</sup> MOISÉS, 1990, p. 76.

<sup>6</sup> NUNES, José Horta. *Forma o do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil Colonial*. Campinas: ed. da Unicamp, 1994, p. 44.

<sup>7</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 27.

contrário, sintoma de intransigência cultural, de esmagamento, de destruição, da necessidade de, pelo uso de instrumentos adequados, implantar a cultura externa, justificatória do domínio, da ocupação, da exploração.<sup>8</sup>

Parece-nos paradoxal a leitura desse historiador: a princípio, atribui a existência e ao desenvolvimento da imprensa uma relação direta com o capitalismo, ressaltando seus aspectos técnicos e ideológicos ligados aos ideais liberais burgueses; depois se refere à inegável existência de universidades e imprensa na América espanhola desde 1539.<sup>9</sup> Esse ponto merece reflexão.

A imprensa e a universidade são locais e espaços de circulação e divulgação do saber, portanto são instrumentos de poder em qualquer sociedade.<sup>10</sup> Assim, não podemos descartar que o livro e a imprensa foram, no Brasil, até o princípio do século XIX, objetos heréticos cuja leitura era clandestina e perigosa. O comércio de livros surgiu nos fim do século XVIII, mas livreiros e livrarias tinham de passar pela fiscalização regular e severa da polícia.

Alberto Manguel, em seu livro *Uma história da leitura*, apresenta um panorama dessa questão. Afirma ele que nos séculos de ditadura, foi mais fácil para os governantes dominar uma multidão analfabeta; como não se pode desaprender a arte de ler, a solução é limitar o alcance da leitura. Nas palavras desse autor:

A censura, portanto, de qualquer tipo, é o corolário de todo poder, e a história da leitura está iluminada por uma fileira interminável de

---

<sup>8</sup> SODRÉ, 1983, p. 11.

<sup>9</sup> O debate historiográfico sobre essa abordagem encontra referência nas obras de Fernando Novais e Maria Sylvia Carvalho Franco.

<sup>10</sup> Em Uberlândia, o Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS) e o Arquivo Público Municipal têm importantes acervos de jornais locais e regionais, viabilizando a pesquisa desse material, que permite focar diversos assuntos, a exemplo da história da educação ver: ARAÚJO, J. C.; GATTI JR., Décio.; INÁCIO FILHO, Geraldo; GONÇALVES NETO, Wenceslau. Educação, imprensa e sociedade no Triângulo Mineiro: a revista *A Escola* (1920–1921). *História da Educação*, Pelotas, v. 2., n. 3, p. 59–98, 1998.

fogueiras de censores, dos primeiros rolos de papiros aos livros de nossa época. As obras de Protágoras foram queimadas em 411 a. C., em Atenas. No ano 213 a. C., o imperador chinês Chi Huang-Ti tentou acabar com a leitura queimando todos os livros de seu reino. E, 168 a. C., a biblioteca judaica de Jerusalém foi deliberadamente destruída durante o levante dos macabeus...<sup>11</sup>

Dentre outros numerosos exemplos para nos fazer refletir sobre a intolerância ao conhecimento, à difusão cultural do saber e ao passado, Manguel cita o do nazismo, que fez da destruição de livros um ritual, traduzido no discurso de Goebbels para uma multidão durante a queima de cerca de 20 mil exemplares os quais — para ele — representavam as obscuridades do passado que ressurgiriam das cinzas como um espírito novo de uma Fênix. Essas obras obscuras incluíam livros de Freud, Steinbeck, Marx, Zola, Hemingway, Einstein, Proust, H. G. Wells, Heinrich, Thomas Mann, Jack London, Brecht e centenas de outros.<sup>12</sup>

No Brasil, as marcas da censura estão presentes no governo ditatorial de Vargas, que perseguiu e proibiu livros de escritores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e outros. Além de proibir a publicação de alguns autores, no período da ditadura imposta pelos militares, em 1964, era comum o confisco de livros. Em dissertação de mestrado, Solange Silva enfatiza:

No entusiasmo da “revolução”, os policiais confiscavam sumariamente milhares de livros pelos mais diferentes motivos: porque falavam do comunismo, ou apenas porque era uma tradução do russo; porque o autor não era simpático ao golpe militar, ou tão-somente porque estampavam um título suspeito, como *A capital* de Eça de Queiroz.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 315.

<sup>12</sup> MANGUEL, 1997, p. 316.

<sup>13</sup> SILVA, Solange. *O signo amordaçado: a censura ao livro durante o regime militar*. 1994. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 117–7.

Nesse sentido, a história da imprensa, dos livros, dos jornais, das revistas convive com as perspectivas políticas que ora estimulam a criação e o acesso a esses meios, ora os inibem e impedem sua criação e circulação.

Feitas essas considerações introdutórias, o objetivo deste texto é focar a difusão e circulação de impressos na cidade de Uberlândia (MG), que pretende, em breve, atingir a marca de um milhão de habitantes. Curiosamente, na primeira década do século XXI, ela dispõe de poucas livrarias, que contrastam com a existência de uma universidade pública com três *campi* e de vários centros universitários, os quais oferecem numerosos cursos. Acrescente-se que a quantidade razoável de gráficas não influi ou reflete na produção e difusão de livros ou textos produzidos por escritores ou intelectuais locais.

A história dos impressos informa que a primeira tipografia do município de São Pedro do Uberabinha foi criada em 1897, após nove anos de independência do município. Seu criador foi o professor João Luiz da Silva, tido como fundador da imprensa local na qualidade de proprietário do semanário *A Reforma*, cujo primeiro número foi publicado em 17 de janeiro desse ano. Em 1898, a tipografia e seu espólio foram vendidos à Câmara Municipal para impressão de seus expedientes, o que durou nove anos e permitiu a impressão dos jornais *Gazeta de Uberabinha*, *Cidade de Uberabinha* e *A Semana*.<sup>14</sup>

Como se vê, é inequívoca a relação direta entre a tipografia e o poder público na cidade. O que não se difere da história da imprensa no Brasil. Três meses antes da impressão do jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808, outro jornal era publicado no país, mas impresso em Londres: trata-se do *Correio Brasiliense*, de Hipólito da Costa. Bethânia S. C. Mariani assim comenta esse fato:

Estava, assim, organizada uma curiosa concorrência instaurada sobre uma contradição. No Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro* era o

---

<sup>14</sup> UBERLÂNDIA ILUSTRADA. *Um tópico da nossa história*, n. 25, set./1959.

resultado da iniciativa oficial portuguesa, mas na Inglaterra o *Correio Brasiliense* tinha um dono particular. Eram dois jornais coexistindo com referências nominais a um país do Novo Mundo, mas com a quase totalidade de seu noticiário voltado para Europa.<sup>15</sup>

A segunda tipografia em Uberabinha foi aberta em 1907. Pertencia ao jornalista Bernardo Cupertino, que fundou e imprimia o jornal *O Progresso*, publicado de 1907 a 1914. Ainda em 1907 passaram a funcionar mais duas tipografias: a *Progresso*, do jornalista Nicolau Soares — que imprimia o jornal *Nova Era* —, e *A Escola*, do professor Honório Guimarães. Em 1909, Zacarias Alves de Melo cria a Livraria e Tipografia Kosmos, que imprimiu os jornais *O Brasil* e *A Livraria Kosmos*, o *Almanaque de Uberabinha* (entre 1911 e 1912), o romance *Liberato e Afonso*, de Pedro Salazar M. da Veiga Pessoa, *Trovador Real* e impressos comerciais.

Convém salientar a importância dada a essa livraria como espaço de socialização em comparação com as livrarias do Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Essa comparação é estampada em texto do *A Livraria Kosmos* de 25/12/1909: considera-se a livraria como espaço privilegiado para quem ama os livros, o que é sinônimo de civilização e cultura. Com efeito, as livrarias são descritas como espaços de encontro da elite intelectual. No Rio de Janeiro freqüentavam-se o Garnier e o Briguet, na rua do Ouvidor; em São Paulo, freqüentava-se a casa Garraux; em Belo Horizonte, a Livraria Beltrão. Nesses lugares se encontravam poetas, prosadores, médicos, advogados, engenheiros e estudantes.

Na abertura da livraria, o jornal anunciava:

Para aqueles que estudam, que amam os livros, para aqueles que admiram a resfolegação ritmada dos prelos em atividade, esse fato, a que os indiferentes não dão importância, reveste-se de um alto valor. O livro é a civilização e a terra onde o livro tem procura pode

---

<sup>15</sup> MARIANI, Bethania S. C. *Os primórdios da imprensa no Brasil*: de como o discurso jornalístico constrói memória. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

se gabar de ser culta. Em todas as parte, nos grandes centros, as livrarias constituem os pontos principais, onde se reúne a elite intelectual. É assim que, no Rio, quem quiser encontrar os melhores escritores, os mais ilustres literatos, vá ao Garnier, onde eles formam todas as tardes em cenáculo. O Briguiet, na rua nova do Ouvidor concentra em seus vastos salões o mundo científico. Em São Paulo a casa Garraux e em Belo Horizonte a livraria Beltrão são também os principais pontos de reunião. Nesses lugares se encontram sempre os poetas, prosadores, médicos, advogados, engenheiros e estudantes.<sup>16</sup>

O autor do texto diz que não quer comparar a “pequena mocinha” que é Uberabinha com esses grandes centros, mas que agora ela já tem seu ponto de “great attraction”: a Livraria Kosmos, onde seu “amável e trabalhador” dono atende a todos.

O jornalista, historiador e cronista Salazar Pessoa escreve, em 1959, na comemoração de 50 anos da Livraria Kosmos, uma crônica sobre sua fundação. Ele afirma que Zacarias Alves, ao fundar, na ainda Uberabinha, a Livraria e Tipografia Kosmos, seguiu o exemplo de Arédio de Souza, fundador da Livraria Século XX, em Uberaba, que revolucionaria as esferas jornalísticas, gráficas e culturais do Triângulo Mineiro.

Outra semelhança e proximidade destacadas por Pessoa é com a Livraria Garnier, no Rio de Janeiro, onde se encontravam intelectuais da época como Coelho Neto, Olavo Bilac, Pardal Malet, Emílio Menezes, Aluízio e Arthur Azevedo, dentre outros. Na Kosmos, encontravam-se Francelino Cardoso; Nicolau Soares — poeta; João de Deus Faria — criador do nome de Uberlândia, em plebiscito lançado no jornal *O Brasil*, da Kosmos; o juiz de direito Duarte Pimentel de Ulhôa; o promotor Manoel Lacerda — que era bibliomaníaco e gostava de ver os livros novos antes de qualquer outro cliente; o padre Pio Dantas Barbosa; o professor Honório Guimarães; o farmacêutico Leôncio Chaves e Figueiredo Murta e o charadista José Guerreiro. Vemos aí representados

---

<sup>16</sup> A LIVRARIA KOSMOS. *Um estabelecimento útil*, Uberabinha, ano 1, n. 5, 25 de dezembro de 1909, p. 1.

profissionais das mais diversas áreas. Essa turma se ampliou cada vez mais e discutia, na livraria, problemas de ordem material e intelectual da cidade. Pessoa ainda inclui entre os freqüentadores Pedro Pezutti — cronista e jornalista; Agenor Paes — poeta, jornalista e gráfico; Júlio Alvarenga — cronista social; Oliveira Martins; Eduardo de Barros — o médico; Tito Teixeira — historiador.

Também Sodré aborda o espaço das livrarias no Rio de Janeiro do século XIX:

Há livrarias conhecidas, que os escritores movimentam, fazendo nelas as suas reuniões ao fim da tarde, e há alfarrabistas e livrarias populares, como a Quaresma, que Pedro da Silva Quaresma instalou na rua S. José, em 1879, e que é a grande fornecedora de livros e anedotas, de assombrações, de credices, de canções populares, mas também de livros infantis.<sup>17</sup>

Na Uberlândia dos anos de 1950, a Livraria Kosmos passa a ser dirigida por João R. Machado, que, de balconista e viajante, passa a proprietário. Vítima de um incêndio, a livraria foi quase toda tomada pelo fogo, provocado por um curto-circuito no fim da década de 1950.<sup>18</sup> Na reinauguração, o cronista Lycídio Paes<sup>19</sup> escreve, no jornal *Correio de Uberlândia*, um texto que compara a livraria com uma Fênix renascida das cinzas. Os comentários do cronista deixam entrever a importância desse espaço para a difusão do ensino e expansão cultural da cidade:

Sou refratário aos panagéricos e detesto redigir a parte comercial dos órgãos de imprensa em que eles entram como fonte indispensável de venda, embora reconheça a perfeita honestidade desse mister, às vezes um tanto excedido em adjetivação, muito do

---

<sup>17</sup> SODRÉ, 1983, p. 291.

<sup>18</sup> CORREIO DE UBERLÂNDIA. *Livraria Kosmos reabrirá brevemente*, 20/2/1960, p. 1.

<sup>19</sup> Sobre esse jornalista, ver: SANTOS, Regma Maria dos. *Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas, memória e história nas crônicas de Lycídio Paes*. Uberlândia: Aspectus/Funape, 2005.

gosto dos interessados [...] Mas o nome tradicional da Kosmos que os uberlandenses estimam e prezam de longa data, força-me a este exultamento, que não tem a suspeita da remuneração, mas o tributo da espontaneidade.<sup>20</sup>

Sabemos que a Kosmos é hoje só mais um estabelecimento comercial da cidade, e não um espaço para encontros e debates intelectuais; além disso, recentemente mudou de seu antigo endereço na avenida Afonso Pena para a avenida Brasil.

Paes escreve, talvez no final dos anos de 1940, que é possível aquilatar o grau de desenvolvimento mental da cidade pela venda de livros:

Não temos ainda, é verdade, uma grande livraria, visto que as duas casas mais antigas que exploram esse ramo comercial e que têm explícito no seu título essa especialidade são menos livraria do que bazar. Do seu sortimento fazem parte objetos de louça, de vidro, de couro, numa variedade infinita de artigos que fogem à esfera de sua denominação.<sup>21</sup>

Além das livrarias Kosmos e Pavan, o cronista se refere à Livraria Chaves — então recém-inaugurada — e à Tipografia Uberlândia. Paes cita ainda duas agências de jornais que, talvez, tenham boa parte de sua renda advinda da venda de livros. Os volumes de preço mais alto são comprados diretamente dos editores, como os livros de pedagogia e medicina. Outra fonte de aquisição, sobretudo de livros populares, é o pedido por reembolso postal, que facilita a compra por meio de catálogos. Ao computar essas formas de aquisição, o cronista conclui que já se lê muito na cidade e afirma não ser baixo o nível cultural. Segundo ele, não se lê mais por causa do alto preço dos livros: “[...] a dificuldade do papel e a majoração do trabalho tipográfico tornaram meio proibitiva a aquisição de livros”. Por fim, Paes considera que os responsáveis pelos relevantes fatores que destacou são os institutos de ensino e assinala que “[...] o

---

<sup>20</sup> PAES, Lycídio. Fênix renascida. *Correio de Uberlândia*, 10/4/1960, p. 6.

<sup>21</sup> PAES, Lycídio. *O problema cultural*, s. d., s. j.

comercio de livros existe evidentemente como conseqüência dessas condições. Mas esse comércio estende o ensino além do curso escolar, e por isso devemos estimá-lo e incentivá-lo”. Nesse sentido, para o cronista, a formação cultural vai além da necessária educação formal:

Folheando um romance de Camilo Castelo Branco ou de Machado de Assis, às vezes se aprende mais português do que num compêndio dessa matéria, lendo uma coleção de poesias modernas, aprendemos matemática: contando-lhes os dispatérios de métrica e as inseqüências da sintaxe e os destemperos da imaginação.

Ao fim da crônica, outra vez Paes critica a poesia moderna, mas não deixa de, contraditoriamente, incentivar sua leitura.

### **A imprensa e seus agentes**

Reportagem da revista *Uberlândia Ilustrada*<sup>22</sup> afirma que notícias vagas dão conhecimento de que os primeiros jornais da cidade surgiram em prol da independência do município, ou seja, independência de São Pedro do Uberabinha da cidade de Uberaba. Como não foram encontrados exemplares desses veículos, o jornal *A Reforma* é tido como o primeiro impresso em Uberabinha. Semanário independente teve seu primeiro exemplar publicado em 17 de janeiro de 1897 e circulou por 14 meses; seu fundador foi o professor João Luiz da Silva; a redação cabia ao juiz José Antonio de Medeiros Cruz, apoiado pelo professor Jerônimo Teotônio de Moraes, diretor do Colégio Uberabinhense, e pelo advogado Amando Santos, jornalista de Franca (SP).

Essas informações preliminares da reportagem sugerem que política, educação e jornalismo estavam entre os pilares básicos da formação intelectual da cidade e da atuação de grupos políticos. Essa premissa pode se constatada em texto da edição 11 do jornal, reproduzida pela revista, que explicita a pena ferina do

---

<sup>22</sup> UBERLÂNDIA ILUSTRADA, n. 14, dez./1947.

redator ao denunciar abusos e costumes retrógrados dos que ocupam o poder:

Estamos vivendo sob a forma de governo republicano, livre e independente. Cada cidadão pode prestar os seus serviços à causa pública, do melhor modo que entender, conforme as suas forças e aptidão. Mas retrair-se é faltar ao dever de cidadão e patriota, é tornar-se um inerte. [...] É preciso que abramos as vistas dos competentes, daqueles que têm em suas mãos o futuro e prosperidade do município, e abusando mesmo façamos chegar ao conhecimento do povo, que a República não admite privilégios, não admite costumes retrógrados incompatíveis com as nossas vistas de povo educado e tendendo ao aperfeiçoamento moral e intelectual; é preciso que digamos bem alto, que esse ou aquele ato emanado do corpo legislativo está pro ou contra às disposições liberais de nossa lei orgânica, da lei que garante a autonomia municipal.

Reproduzido na *Revista Ilustrada*<sup>23</sup>, esse trecho não explicita as questões que aborda, mas apresenta o discurso que mobiliza a imprensa brasileira no século XIX: a manutenção do espírito liberal e republicano como salvaguardas do direito de expressão e do papel fiscalizador do jornal. O encerramento do texto é exemplar nesse sentido: “voltaremos, se for preciso”. Cabe destacar: o jornal resistiu por 14 meses, depois vendeu seu maquinário à Câmara Municipal, para que esta imprimisse seus editais.

Em 1898, surge o órgão oficial da Câmara: a *Gazeta de*

---

<sup>23</sup> Outra parte importante desta pesquisa se relaciona à publicação de revistas, como *Revista Ilustrada*. Numa perspectiva mais ampla sobre a publicação de revistas, Scalzo considera que, “ao longo do século XIX, a revista ganhou espaço, virou e ditou moda. Principalmente na Europa e também nos Estados Unidos. Com o aumento dos índices de escolarização, havia uma população alfabetizada que queria ler e se instruir, mas não se interessava pela profundidade dos livros, ainda vistos como instrumentos da elite e pouco acessíveis. Com o avanço técnico das gráficas, as revistas tornaram-se o meio ideal, reunindo vários assuntos num só lugar e trazendo belas imagens para ilustrá-los. [...] A revista ocupou assim um espaço entre o livro (objeto sacralizado) e o jornal (que só trazia o noticiário ligeiro)” — cf. SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 20.

*Uberabinha*. O redator-chefe era o promotor público da Comarca, escritor e jornalista José Noden de Almeida Pinto. Além de dar conhecimento dos atos da Câmara, o jornal — ainda segundo a reportagem da *Revista Ilustrada* — publicava pródigas bajulações àqueles próximos ao poder constituído. Com essa orientação, o jornal funcionou por cerca de nove anos. A tipografia da Câmara publicou ainda os jornais *Cidade de Uberlândia* e *A Semana*: o primeiro foi fundado pelo professor João Basílio de Carvalho e Lamartine de Alencastro Moreira, no início do século XX; o segundo, pelo advogado Francisco Itajiba, três anos depois.

Em 1907, Bernardo Cupertino montou uma nova tipografia, que passou a imprimir o jornal *O Progresso*. Também o jornalista Nicolau Soares estabelece, nesse período, sua tipografia, onde imprime seu jornal independente *Nova Era*, que durou um semestre — nesse espaço de tempo, defendeu causas como a campanha pró-construção da ponte metálica sobre o rio Paranaíba, ligando o Triângulo Mineiro ao sudoeste de Goiás, e a organização de empresa para explorar o serviço de eletricidade. *O Progresso* durou oito anos e contou com a colaboração de vários jornalistas reconhecidos na cidade, tais como Moisés Santos, Augusto César, Honório Guimarães, Cônego Pedro Pezutti e outros.

Para suceder *O Progresso* — extinto em 1914 —, José Peppe cria, em 1918, o jornal *A Notícia*, que dura um ano. Em 1915, surge o jornal *O Brasil*, fundado por Zacarias Alves de Ulhoa e Melo, criador da Livraria e Tipografia Kosmos, em cooperação com o escritor Pedro Salazar Moscoso da Veiga Pessoa. Em 1914, o jornalista Moizes Santana funda *O Paranaíba*, também impresso nas oficinas da Kosmos — Santana seria assassinado na cidade de Uberaba, em 1922, quando redigia no jornal *Lavoura e Comércio*. Jornal de oposição, o *Paranaíba* defendeu a criação do Estado do Paranaíba, com a junção do Triângulo Mineiro, parte da cidade de Paracatu e do sudoeste goiano.

*O Diário de Uberabinha*, de propriedade da firma Guimarães & Cia. — formada por Honório Guimarães, Pedro Salazar Filho e Raulino Cota Pacheco —, teve interrompida sua publicação por dez dias após a dissolução da firma. Até 1919, circularam na cidade os jornais *O Ferrão*, *A Escola*, *Gavião* (humorístico),

*Kosmos, Voz de Uberabinha, Martelo, Comércio e Binóculo, Corisco, Chaleira, O Violino e Borboleta*. Em 1919, surge o *A Tribuna*, da firma Rodrigues, Andrade e Cia. Esse semanário noticioso e independente teve como redator principal o agente municipal João Severiano Rodrigues da Cunha — o Joanico — e se manteve ativo por 25 anos; em 1920, o jornalista fluminense Agenor Paes assume sua direção e a mantém até 1944. Com sua morte, o jornal fica paralisado por dois anos, retornando como uma mídia católica, em 1946. Em 1947, Corrêa Júnior retoma a direção do jornal, que agora pertence à firma Artes Gráficas Brasil Central.

Fundado, em 1923, pelo jurista Manoel Martins da Costa Cruz, o jornal *Sertão Judiciário* tratava de questões forenses. De forma destemida, seu redator estava sempre alerta em defesa dos direitos e de causas de vultos. Achamos interessante reproduzir aqui o poema do jurista “Como é o amor em Goiás”, por expressar certa sensibilidade à causa feminina e ao seu fatídico destino:

Mulher

Mulher, sonho de amor, visão querida.

Mulher santa, mulher nunca igualada.

Mulher celeste, enquanto desejada

Mulher vulgar, depois de possuída

Quando não alcançada é a preferida

Mas, depois que se rende é desprezada

Vive no cativo se é casada,

Solteira, ei-la no cárcere da vida

Por mulher, angélica criatura!

cuja existência Deus encheu de espinho,

do níveo berço ao pó da sepultura.

Deste mundo no trânsito mesquinho

Sofres, se te conservas sempre pura

Morres, se caís na lama do caminho.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Sobre a presença das mulheres na imprensa, recomendamos a tese de Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior, em especial o capítulo “O projeto modernizador e as mulheres: mães e educadoras do trabalhador nacional” — cf. RIBEIRO JÚNIOR, Florisvaldo Paulo. *O mundo do trabalho na ordem republicana: a invenção do trabalhador nacional*. Minas Gerais, 1888–1929. 2008. Tese (Doutorado) — Universidade de Brasília, Brasília.

Órgão do partido oposicionista — denominado “coió” —, o jornal *A Reação* foi criado em 1924 e teve como redator-chefe o jornalista Lycídio Paes, que fundaria *O Reflexo*, em 1923, e o *Voz Central*, em 1940. Destacam-se na atuação do *A Reação* questões referentes ao abastecimento de água e a força e luz. A filha de Paes, Yolanda Paes, e Maria Stefani criaram, em 1925, *A Mariposa*, jornal feminino que contou com diversos colaboradores e publicou poemas, crônicas e frases pitorescas. Ainda em 1925, Artur Barros e J. Faria fundaram o jornal *O Repórter*; em 1947, quando foi publicada a reportagem na *Revista Ilustrada*, seu diretor e proprietário era João de Oliveira e seu redator-chefe, Lycídio Paes.<sup>25</sup>

O farmacêutico Rosivaldo Bernardes — o Vadico — fundou, em 1931, o jornal *A Pena*, que circulou por cinco anos. Em 1935, Odorico de Paula e Orlando Dias criaram o *Jornal de Uberlândia*, cujo redator era Antônio Macedo Costa e que teve papel de destaque como jornal de oposição até 1936, quando passou para a sociedade do jornal *O Estado de Goiás*. Em 1938, é fundado o jornal *Correio de Uberlândia*, sob direção de Osório Junqueira; no início dos anos de 1940, esse jornal paralisou suas atividades, e sua oficina foi vendida ao jornal *A Voz Central*, dirigido por Lycídio Paes. Mas, em setembro desse ano, Corrêa Júnior e Hostildo Alves de Oliveira o reeditam. De todos os jornais citados até aqui, o *Correio de Uberlândia* — que já se chamou *Correio* — é o único que circula, como jornal diário.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Entre 1919 e 1928, ainda circularam em Uberlândia estes jornais: *O Lampeão*, *Alarme*, *O Relâmpago*, *A Chispa*, *O Saber*, *O Lápis*, *A Letra*, *Garotinho*, *Voz Infantil*, *Voz Paroquial*, *Esperança*, *O Jornalsinho*, *O Bohêmio*, *A Farpa*, *Triângulo Mineiro*, *Ideal*, *Agarra* e *O Município*.

<sup>26</sup> Entre 1929 e 1947, outros jornais circularam: *Folha Municipal*, *Diário da Revolução*, *Escola Normal*, *O Triunfo*, *Jornal Pequeno*, *Araponga*, *O Brasileirinho*, *Escola Rural*, *O Estado de Goiás*, *S.U. Jornal*, *O Mineirinho*, *O Povo*, *Seara*, *Diário de Uberlândia*, *A Raça*, *O Momento*, *Luz e Caridade*, *Hora H*, *A Borboleta*, *Democracia*, *O Crítico*, *O Bandeirante*, *Correio Popular*, *O Machado*, *O Cruzeiro*, *Mercúrio*, *Ginasiano*, *Oásis*, *Mocidade Livre*, *Praia Clube*, *Inconfidente*, *Nova Sento*, *Brasil Central*, *Voz do Povo*. Além desses jornais, circularam as revistas *A Escola*, *Ave Maria*, *Ilustração Mineira*, *A*

A reportagem da *Revista Ilustrada* destaca, ainda, que ao comemorar, em 1947, o cinquentenário da organização da imprensa em Uberlândia, estão em evidência os jornais: *Correio de Uberlândia*, *A Tribuna*, *Brasil Central*, *O Repórter*, *Uberlândia Ilustrada*, *Mocidade Livre*, *O Inconfidente*, *Nova Sento*, *Voz do Povo* e *Praia Clube*. Em tom ufanista, a revista encerra a reportagem reconhecendo o valor dos jornalistas do passado e descrevendo sua atuação destemida:

Fostes vós homens da pena, os intemeratos protetores da civilização regional do passado, lutando destemidamente — qual o SOLDADO DESCONHECIDO — em defesa do patrimônio sagrado de cultura, que com orgulho conservamos. [...] Vossa vida foi um exemplo de abnegação e amor ao trabalho construtivo à luz das letras, no testemunho da expressão do vosso tirocínio que abriu perspectivas, rasgou horizontes. (p. 34).

Posto isso, podemos dizer que, até a metade do século XX, foram criadas as bases para a produção e difusão cultural de jornais e livros em Uberlândia, propiciando novas práticas culturais. Os anos de 1950 representaram, com a criação dos cursos de ensino superior, a possibilidade de expansão; mas, à luz das palavras de Lycídio Paes, sabemos que o fato de Uberlândia ter se tornado uma cidade industrializada, progressista e burguesa não significou, necessariamente, avanço cultural e intelectual:

E tem Uberlândia sabido representar esse papel no conceito das comunas? De um modo geral, a resposta é afirmativa. Poderão se fazer certas restrições, como, por exemplo, a de que ao seu desenvolvimento material não correspondeu o adeamento intelectual; a de que as artes não encontraram até hoje um ambiente favorável para sua germinação.<sup>27</sup>

---

*Bola*, *Revista do CCP*, *Triângulo de Minas*, *Revista do Campeonato*, *Escola Normal*, *Uberlândia Rotaria*, *Nossa Terra*, *Camponesa* e *Uberlândia Ilustrada*.

<sup>27</sup> Lycídio PAES. Modos de Subir. *Correio de Uberlândia*, 16/03/1958, p.2/3.

Enfim, podemos considerar que as práticas culturais de leitura estão necessariamente ligadas à produção e difusão cultural, mas o cronista desconfia— sabiamente — de que o desenvolvimento econômico não corresponde a um amplo desenvolvimento intelectual e artístico, cuja germinação ainda espera um solo favorável, na visão de Paes.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa, em andamento, pretende observar não só a quantidade de jornais e impressos, mas também — e sobretudo — se a imprensa escrita, desde o fim do século XIX, conseguiu redefinir seu papel e cumprir a função de formar e informar cidadãos, mesmo com as exigências conjunturais de ordem política, econômica, social e cultural. Na reportagem publicada na *Revista Ilustrada* em 1947, fica inequívoca a importância da imprensa para a articulação política e redefinição dos rumos de uma sociedade. Em artigo transcrito do jornal *A Reforma* n. 11, a pena ferina do redator questiona qual deve ser a postura do Legislativo — ser contra ou a favor ou ser a favor das disposições liberais da lei orgânica — e sentencia: “e se assim não fizermos, se fecharmos os olhos a abusos e prevaricações, se consentirmos em contínuos prejuízos ao povo e à municipalidade não seremos patriotas, nem cidadãos dignos”.

De certa forma, podemos ver que a história da imprensa em Uberlândia é, também, a história da publicização de conflitos de classes e grupos sociais que, a fim de divulgarem seus projetos e suas visões, proferem discursos em tom de retórica para provar suas possibilidades. Se assim o for, então temos de considerar que essa história começa antes do jornal *A Reforma*, pois se sabe da circulação, em Uberlândia, de jornais impressos em Uberaba que defendiam a independência do município.

No entanto, o marco histórico é revelador de contingências favoráveis à retomada de reflexões sobre certos temas que se tornam obscurecidos em alguns momentos. O debate propiciado pela imprensa quanto aos projetos políticos e à sua execução reflete os rumos históricos tomados por determinadas

sociedades. Um exemplo da importância do jornal na expressão de projetos e ideais políticos pode ser visto na publicação do jornalista e poeta Nicolau Soares, em seu jornal *Nova Era*, de 1907, que teve como campanha vitoriosa a construção de uma ponte metálica sobre o rio Paranaíba ligando o Triângulo ao sudoeste de Goiás. Já o jornal *O Paranahyba*, de 1914, defendia a criação de um Estado Central do Brasil que juntasse o Triângulo Mineiro, parte de Paracatu e do sudoeste goiano formando, o Estado Paranahyba, o que — sabemos — não foi concretizado. Nesse sentido, percebemos que algumas reivindicações e alguns projetos veiculados pela imprensa local se tornam fatos e que outros se esvaem como fumaça — mas ficam registrados como desejos reais não concretizados.

Convém frisar: se hoje órgãos como o Arquivo Municipal e o Centro de Documentação em História e Ciências Sociais cumprem a função de preservar essas fontes documentais e pô-las à disposição de pesquisadores, estudiosos da história local e cidadãos em busca de formação e informação, a consulta e pesquisa a alguns desses jornais aqui citados só foi possível graças ao interesse de alguns particulares como Jerônimo Arantes e João Quituba, que resolveram agrupar e colecionar esse material. Não foi possível guardar e preservar todos os documentos da imprensa local nesses mais de cem anos, mas as numerosas referências ainda existentes são ricas fontes para a pesquisa e o desvelamento de nosso passado e de nosso presente.

## Fontes

UBERLÂNDIA ILUSTRADA, n. 14, dez./1947 — acervo de Jerônimo Arantes, Arquivo Público Municipal

UBERLÂNDIA ILUSTRADA, n. 25, set./1959 — acervo de Jerônimo Arantes, Arquivo Público Municipal

CORREIO DE UBERLÂNDIA — coleção do Arquivo Público Municipal.

## Referências

ARAÚJO, J. C.; GATTI JR, Décio.; INÁCIO FILHO, Geraldo; GONÇALVES NETO, Wenceslau. Educação, imprensa e sociedade no Triângulo Mineiro: a revista *A Escola* (1920—1921). *História da Educação*, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 59–98, 1998.

CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural: debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: \_\_\_\_\_ et al. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 231.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARIANI, Bethania S. C. Os primórdios da imprensa no Brasil/ou: de como o discurso jornalístico constrói memória. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. Origens, barroco, arcadismo. São Paulo: Cultrix, 1990.

NUNES, José Horta. *Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil Colonial*. Campinas: ed. da Unicamp, 1994.

RIBEIRO JÚNIOR, Florisvaldo Paulo. *O mundo do trabalho na ordem republicana: a invenção do trabalhador nacional*. Minas Gerais, 1888–1929. 2008. Tese (Doutorado em História) — Universidade de Brasília, Brasília.

SANTOS, Regma Maria dos. *Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas, memória e história nas crônicas de Lycido Paes*. Uberlândia: Aspectus/Funape, 2005.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, Solange. *O signo amordaçado: a censura ao livro durante o regime militar*. 1994. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 117–7.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Recebido em outubro de 2008

Aprovado em março de 2009